

Sinodalidade e política: reflexões possíveis



Por: **Ignacio Madera Vargas¹**

20 de março de 2025

A sinodalidade pode ser entendida como **uma articulação da teoria com a práxis aplicável a diversas dimensões da realidade humana**. No caso que me interessa nesta reflexão, à prática política.

Refiro-me à distinção, feita nos últimos anos, entre **“Política” com letra maiúscula**, aquela que lida com o governo da *polis* e o que isso implica como práticas macroeconômicas, ideológicas e sociais, e **“política” com letra minúscula**, diretamente relacionada aos partidos e interesses que lutam pelo poder para liderar os Estados. Esta última, associada ao que também é chamado de politicagem.

Mas acredito que esses dois sentidos não são dissociáveis, porque até mesmo os políticos afirmam defender valores e princípios, embora suas práticas não coincidam com eles. Daí **a perda de credibilidade de muitos na classe política e o recurso à imposição e ao fascismo**, bem como a perda de significado de seus discursos, porque eles não alcançam o efeito que pretendem, não funcionam.

Que sentido a sinodalidade pode trazer para a política na atual situação da humanidade e dos países da América Latina e do Caribe que dependem das decisões e políticas dos países que controlam

o capital, as tecnologias e as ideologias, ou seja, aqueles que estão impondo um critério indisfarçável que considera normal a dominação dos mais fortes econômica e militarmente?

Essa pergunta deixa claro para mim que **a sinodalidade, tanto para a sociedade quanto para a Igreja, implica rupturas epistemológicas e éticas necessárias e urgentes, uma condição para alcançar uma renovação-reforma da ação política em nosso tempo**.

Se sinodalidade significa caminhar juntos, **o objetivo da política é caminhar junto com o povo como o maior bem da sociedade e não do grupo ou do partido**. Por isso, as concertações, o diálogo e a busca para interpretar os sinais dos tempos implicam a necessária dimensão da escuta — que vai além do ouvir — para prometer, e se situa na necessidade de atender, para poder propor soluções realistas que não continuem com os enganos e as mentiras que caracterizaram a política de nossos países da América Latina e do Caribe, levando a um cansaço entre as pessoas mais pobres que as obriga a vender seu apoio político a quem der mais.

O político autêntico, que busca não apenas tomar o poder, mas mudar a sociedade, caminha atrás do povo para

ser guiado por seus anseios e esperanças, caminha em meio do povo para ouvir mais claramente seus gritos, e, às vezes, vai à frente para educar sobre a necessidade de uma política honesta que possibilite o renascimento da esperança diante da desilusão e do ceticismo gerados pela longa história de pilhagem de impostos e emolumentos, bem como da depredação da criação por multinacionais sem clemência para com o grito da Terra.

Se a sinodalidade implica caminhar juntos na escuta para discernir, então **o político é chamado a ser um artista do diálogo sereno que o leva a reconhecer seus erros e a ponderar as propostas e alternativas** que conduzem a um compromisso com ‘a flor sem defesa’, ou seja, as maiorias empobrecidas de nossos povos, nestes tempos assolados pelas alienações manipuladas pelos grupos econômicos e corporações dominantes, e pelas novas tecnologias de informação e comunicação, cheias de mentiras que são apresentadas como verdades.

Uma classe política que discerne deixando-se educar pelo povo, que tem uma palavra que a provoca, porque, em contato com os pobres e excluídos, mantém sua linguagem vigilante e seus ouvidos atentos aos gritos que, a partir da exclusão e da marginalização, continuam a desafiar todos aqueles que são chamados a tirá-los da cruz das ideologias que justificam a desigualdade, a violência e a dominação dos mais fortes, pelo capital voraz e pelas armas assassinas.

A sinodalidade, sendo uma proposta eclesial do pontificado do papa Francisco, vai além de seus limites para questionar a possibilidade de **novas dinâmicas que construam humanidade e favoreçam a superação de uma mentalidade agressiva que impôs**

a ideologia do esquecimento da opção preferencial pelos pobres e excluídos, considerando-a uma questão do final do século XX. Alguns consideram que ela foi superada por reflexões muito interessantes e atraentes, mas que gradualmente deixaram de lado o que Medellín chamou tão apropriadamente de “estruturas de pecado”.

A sinodalidade, como a ação de caminhar ao lado dos marginalizados, exige atenção aos sinais dos tempos a fim de agir com base em um discernimento que leve a novas práticas de viver a existência com base no que é fundamentalmente humano. Aquilo que nos foi revelado na Sagrada Escritura: somos a imagem de Deus comunhão, unidade na diversidade, criados criadores e guardiões da preservação da vida no jardim que é a criação e, nela, daqueles que, reconhecendo-se criaturas, se realizam como **criados criadores de estruturas e sistemas que geram e constroem fraternidade, solidariedade e pão para todos, sem distinção**. Esse é o maior desafio da política e dos políticos neste tempo de esperança, apesar de tudo o que é prejudicial e vergonhoso na humanidade de hoje.

A sinodalidade aponta para uma práxis política como um serviço à justiça, à solidariedade, à defesa da vida em todas as suas formas e à colocação do ser humano acima do lucro, das finanças e dos interesses do grande capital financeiro. Para que a vida volte a viver e as instâncias de morte da terra, da fauna e da flora dos ecossistemas e da humanidade não sejam as vencedoras. Esse não é um sonho lamentável, mas um imperativo atual para aqueles que são chamados a realizar sua escolha política de romper com as ideologias da morte e se colocar a serviço da vida e da vida digna.

1 Teólogo colombiano. Doutor em teologia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Professor, pesquisador, membro de equipes de reflexão teológica e autor de inúmeras obras e artigos. Foi presidente da Confederação Latino-Americana e Caribenha das Religiosas e dos Religiosos (CLAR). É membro da Amerindia Colômbia. Durante 28 anos combinou a vida acadêmica com a vida compartilhada com os pobres no sul de Bogotá.